



**INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS**  
**CAMPUS ARAPIRACA**  
**LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

**PEDRO PEREIRA LIMA NETO**

**A TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA PARA OS PROCESSOS DE  
ILUSTRAÇÃO PELO PARADIGMA DA LEITURA FÁCIL**

**ARAPIRACA, AL**

**2025**

PEDRO PEREIRA LIMA NETO

A TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA PARA OS PROCESSOS DE  
ILUSTRAÇÃO PELO PARADIGMA DA LEITURA FÁCIL

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras, do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Alagoas, Campus Arapiraca.

Orientador: Prof. Dr. Alisson Hudson Veras Lima

ARAPIRACA, AL

2025



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Instituto Federal de Alagoas**  
***Campus Arapiraca***

---

401.41

L732t Lima Neto, Pedro Pereira.

A tradução intersemiótica para os processos de ilustração pelo paradigma de leitura fácil [recurso eletrônico] / Pedro Pereira Lima Neto. – Dados eletrônicos (1 arquivo : 11,4 MB). – 2025.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: Internet.

Orientação: Prof. Dr. Alisson Hudson Veras Lima.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras/Português) – Instituto Federal de Alagoas, *Campus Arapiraca*, Arapiraca, 2025.

1. Tradução intersemiótica. 2. Leitura fácil. 3. Ilustração. I. Título.

PEDRO PEREIRA LIMA NETO

A TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA PARA PROCESSOS DE ILUSTRAÇÃO PELO  
PARADIGMA DA LEITURA FÁCIL

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras-Português, do Instituto Federal de Alagoas, *Campus* Arapiraca, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras Português.

Aprovado em: 24/11/2023

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Álisson Hudson Veras Lima (Orientador)

Instituto Federal de Alagoas – IFAL

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Divanir Maria de Lima Reis

Instituto Federal de Alagoas - IFAL

---

Prof<sup>a</sup>. Esp. Wilma Albuquerque da Silva

Instituto Federal de Alagoas - IFAL

Dedico à pessoa sem a qual nada seria possível e, como diria Mano Brown (2002):

*“Aí Dona Ana, sem palavras. A senhora é uma rainha!”.*

Obrigado por tudo, mãe!

## AGRADECIMENTO

Minha jornada na graduação foi tortuosa, cheia de percalços, mas se manteve firme graças à presença de pessoas que me lembravam sempre do por quê eu estou aqui e me motivaram a continuar. Então quero deixar registrado o meu agradecimento a vocês:

Ao queridíssimo professor, incentivador e orientador Álisson Hudson Veras Lima, por, acima de tudo acreditar em mim e que eu conseguiria chegar aqui e ir além.

Ao corpo docente do IFAL, campus Arapiraca, em especial a Professora Divanir, por me mostrar que, mesmo sozinho, eu sou forte o suficiente para pra fazer o que eu quiser; ao Professor Danillo que, nas aulas, nos debates fora de sala me auxiliou a olhar para mim e ver quem eu sou e à Professora Adriana Nunes (A Drika) por ajudar a elevar a minha autoestima intelectual.

Aos meus queridos amigos de dentro e de fora do IFAL, que sempre me incentivaram e me apoiaram; em especial aos que fizeram parte dessa jornada acadêmica comigo: Analiel Pedro, Ângelo Nunes, Amanda Lima, Erika Layssa, Rebeca Nunes e Walleria Simões. Esses que mesmo estando longe ou indo para outras instituições, foram somas importantes para quem eu sou hoje.

À Dona Ana, por comprar o primeiro lápis, a primeira caixa de lápis de cor, o primeiro caderno e por ter sido a primeira a elogiar meus desenhos feios, obrigado pela vida, mãe!

À Karolina, por me ensinar e compartilhar tanto comigo, minha parceira de conversas profundas, de leituras, lágrimas, aprendizados e vida. Você é uma das minhas grandes inspirações.

## RESUMO

Este trabalho propõe-se em utilizar a tradução intersemiótica para os processos de adaptação de textos de leitura fácil para ilustrações, utilizando os conceitos da semiótica de Peirce (2005) e da tradução de Jakobson (2003) aliado com as proposições de Muñoz (2012) e da *International Federation of Library Association and Institutions* IFLA (2010) acerca da produção de imagens pelo paradigma da leitura fácil. Tal paradigma se refere a tipos textuais que visam facilitar a compreensão leitora de pessoas com dificuldades de leitura, promovendo a inclusão e a participação social. A tradução intersemiótica é o processo de adaptar os signos de um sistema linguístico para outro, como da linguagem verbal para a visual. Tendo isso em vista, o objetivo desse trabalho é a produção de ilustrações de apoio para um texto em já adaptado para fácil leitura (O irmão negro, de Walcyr Carrasco), sendo feitas de uma forma onde se preserve o sentido e o propósito do texto original, recodificando a mensagem de acordo com o sistema de signos de chegada (ilustrações). Para isso, foi feita uma pesquisa bibliográfica, com a finalidade de estudar as proposições da leitura fácil, bem como os pressupostos da tradução intersemiótica, para se aplicar nas ilustrações produzidas. O presente estudo apresenta-se como uma proposta metodológica para a produção de ilustrações acessíveis e inclusivas.

**Palavras-chave:** tradução intersemiótica; Leitura Fácil; ilustração.

## **ABSTRACT**

This work proposes to use intersemiotic translation for the processes of adapting easy-to-read texts for illustrations, using the concepts of Peirce's semiotics (2005) and Jakobson's translation (2003) combined with the propositions of Muñoz (2012) and International Federation of Library Association and Institutions IFLA (2010) about the production of images using the easy reading paradigm. This paradigm refers to textual types that aim to facilitate the reading comprehension of people with reading difficulties, promoting inclusion and social participation. Intersemiotic translation is the process of adapting signs from one linguistic system to another, such as from verbal to visual language. With this in mind, the objective of this work is to produce supporting illustrations for a text already adapted for easy reading (*O Irmão Negro*, by Walcyr Carrasco), being done in a way that preserves the meaning and purpose of the text original, recoding the message according to the system of arrival signs (illustrations). To this end, a bibliographical research was carried out, with the purpose of studying the propositions of easy reading, as well as the assumptions of intersemiotic translation, to be applied in the illustrations produced. The present study presents itself as a methodological proposal for the production of accessible and inclusive illustrations.

**Keywords:** intersemiotic translation; Easy Reading; illustration.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Esquema dos processos da tradução intersemiótica.....	29
Figura 2	– Página de criação de imagens com IA.....	31
Figura 3	– Imagem selecionada para servir de referência.....	32
Figura 4	– Esboço da primeira ilustração.....	32
Figura 5	– Desenho com a arte-final pronta.....	33
Figura 6	– Ilustração com as devidas cores.....	34
Figura 7	– I1 finalizada.....	35
Figura 8	– Referência da segunda ilustração.....	36
Figura 9	– Esboço e arte-final da segunda ilustração.....	37
Figura 10	– Ilustração 2 colorida sem finalização.....	37
Figura 11	– I2 finalizada com todos os detalhes.....	38
Figura 12	– Referência da terceira ilustração.....	39
Figura 13	– Esboço e arte-final da terceira ilustração.....	39
Figura 14	– I3 finalizado.....	40
Figura 15	– Primeira referência da I4.....	41
Figura 16	– Segunda referência da I4.....	41
Figura 17	– Esboço e arte final da ilustração 4.....	41
Figura 18	– I4 finalizada.....	42
Figura 19	– Referência da I5.....	43
Figura 20	– Esboço e arte-final da Ilustração 5.....	43
Figura 21	– I5 finalizado.....	44
Figura 22	– Referência da Ilustração 6.....	45
Figura 23	– Esboço e arte-final da I6.....	45
Figura 24	– I6 finalizada.....	46
Figura 25	– Referência para a I7.....	47
Figura 26	– Esboço e arte-final da ilustração 7.....	47
Figura 27	– I7 finalizada.....	48
Figura 28	– Referência para a I8.....	49
Figura 29	– Esboço e arte-final da Ilustração 8.....	49
Figura 30	– I8 finalizada.....	50

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>11</b>
2.1	Processos de tradução.....	11
2.2	A tradução intersemiótica.....	13
2.3	Delineando os traços: O paradigma da Leitura Fácil.....	19
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>23</b>
3.1	Métodos de abordagem.....	23
3.2	Métodos de procedimento.....	24
3.3	Tipo de pesquisa.....	24
3.4	Técnicas de disposição de imagens pelo paradigma da leitura fácil.....	25
3.5	Colorindo os espaços: a produção das imagens de apoio pra o livro adaptado “O Irmão negro” de Walcyr carrasco, aplicando as indicações do paradigma da Leitura fácil.....	
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>52</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>54</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho, se desenvolverá sob a luz dos postulados teóricos referentes à tradução intersemiótica, quando se pretende adaptar, ou recodificar os signos de um texto de leitura fácil para imagens, ou ilustrações, também de fácil leitura. Em concordância com Jakobson (2003) quando realizamos os processos de tradução entre diferentes sistemas linguísticos, (como, por exemplo da arte verbal, para música, dança, teatro, cinema, pinturas ou histórias em quadrinhos) não há uma mera transposição de uma língua para outra, mas sim o que ocorre é uma recodificação da mensagem de um sistema para o outro, que se determina, segundo o autor, pelo sistema gramatical da língua receptora e, como acresce Amorim (2013), no caso da tradução intersemiótica, do sistema de signos de chegada.

O ponto de partida que se observa referente a tradução intersemiótica é o estudo da semiologia, e na presente pesquisa, utilizaremos, dentro do escopo desse postulado teórico, os estudos semióticos de Charles Sanders Peirce (2005). Sendo tratada como a ciência do signo, os postulados teóricos da semiótica tem como objeto todas as formas de linguagem possível, ou seja, ela objetiva-se em exercer uma análise das constituições de todo e qualquer signo como sendo fenômenos de reproduções, de significações e de sentidos (Santaella, 2002).

É em função desse entendimento do signo, como reproduzidor de significados e de sentidos, que sob determinados aspectos, representarão algo para alguém e ainda assim, pode ser entendido como algo que está no lugar de uma outra coisa, ou seja, relacionando-se com outro que, em dados momentos, seja considerado como se fosse o outro (Peirce, 2005).

Tendo em vista esses sentidos atribuídos acerca da semiótica, é observável que os processos de tradução intersemiótica acontecem entre diferentes signos e se articulam nas esferas verbais ou não e se transformam em um outro signo, através de uma espécie de transmutação, a fim de uma obtenção de outros significados.

Visualizado tais conceituações acerca da tradução intersemiótica, partimos para um maior aprofundamento sobre o que de fato é uma tradução intersemiótica e quais os seus desdobramentos, partindo dos pressupostos acerca dos processos de tradução de Jakobson (2003).

Portanto o presente trabalho está dividido em quatro capítulos: sendo este, de introdução, o primeiro; o segundo capítulo apresentam a base teórica que guiou nosso trabalho; já no terceiro capítulo, encontra-se a metodologia abordada, bem como as adaptações imagéticas propostas e, por fim, traçamos nossas considerações finais no quarto e último capítulo.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentamos a base teórica que conduz nosso trabalho, fazendo um percurso desde a noção básica do processo de tradução, adentrando na questão da tradução intersemiótica e, a fim de tratar sobre a adaptação proposta, apresentamos o paradigma da Leitura Fácil.

### 2.1 Processos de tradução

Traduzir, dicionarizando o significado, remonta, em sua raiz etimológica, o latim em “*traducere*” significando, portanto, algo como “conduzir além” ou “transferir”, entretanto essa mera significação da palavra limita em muito a gama de processos que envolve tal ato, pois os processos de tradução comumente realizados, vem de uma necessidade do ser humano traduzir o mundo das mais diversas formas, para benefício de sua compreensão do mesmo, seja por intermédio de outros objetos ou língua.

Thaís Flores (1999) nos apresenta uma raiz histórica dos processos de tradução, apresentando eles como uma prática efetuada:

[...] desde os tempos imemoriais romanos e foi avaliada, durante muito tempo, em termos muito rígidos como “certa” ou “errada”, “fiel” ou “livre”, “literal” ou “criativa”. Isso acontecia porque as instituições, como a Bíblia e os clássicos, pilares da cultura dominante, pudessem ser considerados confiáveis. (Diniz, 1999 p. 27).

Ou seja, havia uma necessidade, nessa antiguidade, de algumas instituições, que determinadas obras e/ou conhecimentos fossem traduzidos, de uma forma a qual elas pudessem exercer de alguma forma um controle da sociedade, havia para eles essa preocupação, geralmente que as traduções fossem feitas a seu benefício, em prol de sua hegemonia. A exemplo de tal prática podemos citar como os textos dos antigos filósofos gregos foram traduzidos e utilizados pela igreja católica, através dos padres do movimento conhecido como “escolástica”.

Em se tratando da fala e pensamento, por exemplo, já podemos enxergar, mesmo que de maneira bem restrita, há processos de tradução, que sai de uma ideia abstrata de determinada palavra até sua materialização na fala, ou na escrita. Já, de acordo com Julio Plaza (2010), quando pensamos, traduzimos aquilo que temos presente à consciência, em outras representações que servem como signos e o referido autor, em se tratando

desses processos do pensamento como tradução, “todo pensamento é tradução de outro pensamento, pois qualquer pensamento requer ter havido outro pensamento para o qual ele funcione como interpretante” (Plaza, 2003, p.18)

Ainda referindo-se a esses processos de transferência, na tradução, vemos que:

De acordo com uma abordagem estritamente linguística, a tradução consistiria em transferir o 'sentido' contido num conjunto de signos linguísticos para outro conjunto de signos linguísticos através do recurso competente ao dicionário e à gramática; contudo, o processo envolve também um vasto conjunto de critérios extralinguísticos. (Bassnett, 2003, p.35)

Sendo assim, vemos que os processos de tradução não se restringem apenas através de recursos limitantes a uma dicionarização, existe para isso uma gama de fatores e processos necessários para tais que vão em muito além dos pressupostos linguísticos, muitas vezes se recorrendo a ferramentas fora da mesma.

Jakobson (2003) foi o primeiro, que se tem registro, a escrever sobre os processos de tradução, ele discorre em um de seus trabalhos, sobre a forma que não haveria possibilidade de se atribuir valores de sentido a um signo(palavra) sem a existência de seu significado, ou seja, Não há *signatum* sem *signum* (Jakobson, 2003. p.64). Ainda assim, é possível observar que o significado de determinado signo linguístico será sua tradução em outro signo de mesmo valor, principalmente em um signo no qual ele se ache desenvolvido de uma maneira mais completa.

Ainda no tocante a esses processos de tradução, Jakobson (2003) distingue três tipos distintos de práticas de compreensão dos significados, segundo ele, nós

Distinguimos três maneiras de interpretar um signo verbal: ele pode ser traduzido em outros signos da mesma língua, em outra língua, ou em outro sistema de símbolos não-verbais. Essas três espécies de tradução devem ser diferentemente classificadas:

1) A tradução intralingual ou reformulação (*rewording*) consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua. 2) A tradução iriterlingual ou tradução propriamente dita 'consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua. 3) A tradução inter-semiótica ou transmutação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais. (Jakobson, 2003, p. 64)

Com tal conceituação vemos como são diversos os processos de tradução que permeia a linguagem, em 1, acontece um processo de reformulação caracterizado pela utilização de uma palavra por outra mais ou menos sinônima, em 2, refere-se a uma tradução de uma língua para outra; e é no terceiro tipo de tradução conceituado pelo linguista que se debruçará a próxima seção do trabalho, a tradução inter-semiótica, seus processos, como e onde esse tipo de tradução comumente ocorre.

Suzan Bassnett (2003), em seu livro *Estudos de Tradução*, nos apresenta algumas conceituações interessantes no tocante aos processos de tradução de uma língua para outra, quando se refere a *língua de partida* da tradução, ele abrevia para **LP**, e para Língua a ser traduzida, que ela chama de *língua de chegada*, ela usa **LC**. Partindo dessa conceituação, mas quando referirmo-nos a tradução inter-semiótica, dentro de nosso trabalho, usaremos abreviações semelhantes. Aqui, como não lidaremos com uma tradução interlingual, não trataremos por “língua”, mas sim texto, ou seja, quando referirmo-nos ao texto de base a ser adaptado, usaremos a abreviação **T0** (texto de partida/texto zero, 0), e para o texto adaptado, ou as ilustrações feitas a partir do **T0**, usaremos **T6** (Texto de Chegada/Texto 6, por que dentro do esquema que usamos para resumir os estágios que se passaram a nossa tradução inter-semiótica, o texto final se localiza no estágio 6), pois mesmo se tratando de imagens, não verbais ainda assim são textos, signos não-verbais.

## 2.2 A tradução inter-semiótica

A Tradução inter-semiótica como campo de atuação e estudo dos signos linguísticos em relação aos mesmos, nos processos de recodificação, transmutação e transposição entre diferentes sistemas de signos, tem um campo de atuação extremamente vasto, que passeia desde algumas noções básicas do signo, caminhando entre a vasta proliferação semiótica até desaguar no campo da poética e da criação literária. Essa área nos permite refletir sobre os processos de tradução e entendimento de sentidos desde as noções mais básicas como a forma que concebemos o próprio pensamento e as noções básicas de processamento de linguagem.

Julio Plaza (2003) amplia essas discussões, que antes foram iniciadas por Jakobson, referente a tradução inter-semiótica, que nada mais é que o diálogo existente “entre formas de arte distintas, ou seja, entre sistemas semióticos diversos” (Miranda & Inokuchi, 2009, p.159). Aqui teremos como base os estudos teóricos de Charles Sanders

Peirce (2005), para tratar desse campo que envolve uma gama significativa do sistema de signos que são as linguagens, oferecendo, portanto, uma visão bastante detalhada acerca do tema.

Tomemos então como ponto de partida, nessa seção do nosso trabalho, a definição de signo peirciana, que, segundo Plaza (2003),

(...) o signo não é uma entidade monolítica, mas um complexo de relações triádicas, relações estas que, tendo um poder de autogeração, caracterizam o processo sígnico como continuidade e devir. (...) é um meio lógico de explicação do processo de semiose (ação do signo) como transformação de signos em signos. A semiose é uma relação de momentos num processo seqüencial-sucessivo ininterrupto. (Plaza, 2003. p.17)

Sendo assim, definido o signo dessa forma, vemos que, no que se refere aos processos intersemióticos, o signo linguístico está na base deste, pois é através deles que os processos de tradução intersemiótica acontecem, indo de signo com signo para outros, e nos processos interacionais dele com outros objetos, a fim de significar algo para alguém.

Esses processos referentes aos signos se unidos os seus complexos de relações triádicas, são divididos, por Peirce (2005) em outras classes e subclasses, e tendo em vista os signos que são importantes para os processos de tradução, são aqueles que se relacionam com o seu objeto, portanto, sendo o Ícone, Índice e o Símbolo. E cada uma dessas três classificações operam e funcionam dentro de dinâmicas diferentes em relação com seu(s) objeto(s) representado(s).

O Ícone é uma classe de signos que é caracterizado por uma estreita relação com o objeto que representa, tendendo a operar através das semelhanças e analogias entre as qualidades, seu objeto e o significado. Para ilustrar tal classificação tomemos o exemplo dado por Desirée e Venise Paschoal (2015, p. 43), onde elas falam que: “Um desenho figurativo, uma fotografia, uma imagem de síntese representando uma árvore ou uma casa são ícones na medida em que eles se assemelham a uma árvore ou uma casa.” ou seja, o ícone é caracterizado, por essa relação análoga e de semelhança entre uma imagem, foto, figura de uma casa e objeto casa, no mundo.

Já quando os signos mantêm uma relação causal, contígua e física com o objeto que representa é o que caracteriza o Índice, ele é um signo determinado pelo seu objeto dinâmico em virtude de estar em uma relação real com ele (Plaza, 2003, p.22). A exemplo

de tal classificação podemos citar as relações que são estabelecidas entre a fumaça para o fogo, nuvem para a chuva, música para dança. O índice é essa relação carnal de consequência com o objeto que ele representa.

E no tocante ao símbolo temos um processo onde o signo vai estabelecer uma conexão a partir de convenção com o objeto, é “normalmente uma associação de ideias gerais que opera no sentido de fazer com que o símbolo seja interpretado se referindo àquele objeto.” (Peirce, 2005, p.52). Sendo entendido, normalmente como uma espécie de lei e convenções sociais, com informações que são estabelecidas a partir de determinadas dinâmicas e relações sociais e, ou cultural. Santaella (2002), nos apresenta, como exemplos de tal classificação sógnica, a Bandeira ou o hino nacional que representam o Brasil.

Peirce (2005), conceitua outras tricotomias do signo, a partir das três, supracitadas, entretanto, para nossa pesquisa, apenas Ícone, Índice e Símbolo, importam, pois apenas com essas três conceituações a cerca do signo podemos compreender bem do que se trata a essa parte da semiótica, que é essa relação estrita entre os signos que vão além de um texto verbal e se projetam em uma linguagem não verbal, a partir de imagens. Se ocupando ainda em tentar analisar, de alguma forma, os textos visuais, explorando as ramificações da distinção peirceana citadas e classificadas anteriormente em termos visuais, ou ainda discutir a natureza da representação (Diniz, 1999, p.30).

Tais delimitações, por mais breve que se possam apresentar, ainda assim nos permite traçar linhas que nos levam a compreender os processos de tradução intersemiótica, pois nos interessa essa relação que os signos têm, com eles e com os demais objetos.

É dentro dessas dinâmicas signo/objeto que os processos de tradução se iniciam, é daí que partem, pois para que haja uma significação se faz necessário que aconteça uma recodificação do signo entre si para um outro objeto, seja atuando na semelhança (Ícone), na causa (Índice), ou convenção (Símbolo) com este.

E se partirmos do entendimento desses processos de semiologia, sua relação com o signo e os processos de tradução, vemos que na tradução intersemiótica, o importante vai ser como acontece a transposição de signos para outros signos, ou seja, de que maneira acontece, por exemplo (citando os casos mais comuns), a adaptação de um texto em prosa de um livro, para as telas de cinemas.

É necessário nesses casos que haja uma série de estratégias linguísticas e extralinguísticas para que a tradução saia do texto de partida e chegue até o texto de

chegada de modo que não se percam as significações do texto original, pois na tradução intersemiótica, sendo ela uma tradução entre os mais diversos sistemas de signos, é de extrema relevância as relações estabelecidas entre os sentidos, meios e códigos (Plaza, 2003), a fim de que texto obtido nesse processo ainda seja visto como pertencente ao original, como sendo uma versão sua, apenas reconfigurada em outro sistema, para a compreensão de uma parcela, numa tentativa de alcançar os mais diversos consumidores do referido texto.

Ainda assim tal estudo não se pode apenas limitar-se às descrições e semelhanças entre os textos de partida e chegada, é necessário mostrar, no processo como acontecem e se movimentam os mecanismos que operam subjacentes as etapas de produção dos textos a serem traduzidos. Há também a necessidade de esses mecanismos serem abrangentes num nível que vá além de meras operações linguísticas e não se descolam de produções literárias e culturais.

Se mantendo dentro do escopo da tradução intersemiótica, vale pontuar, a tradução intercultural, como se fazendo parte da mesma, pois ainda dentro dessa esfera de traduções, as culturas carregam consigo uma grande profusão de signos, dos mais diversos. Sendo assim a TI, se faz presente nesses processos também de tradução entre as culturas, quando se pretende levar determinado conteúdo de uma cultura a outra. É Thaís Flores (1999) que nos apresenta um trabalho, que se movimenta nesse sentido da tradução entre culturas, ela salienta que:

A tradução, portanto, nunca acontece num vácuo onde se pressupõe que as línguas se encontram, mas no contexto da tradição de todas as literaturas, no ponto de encontro entre os tradutores e os escritores, que é cultural. Os tradutores se apresentam, pois, como os mediadores entre as tradições literárias, entre culturas, não com o intuito de trazer o original à tona de maneira neutra e objetiva, mas para torná-lo acessível em seus próprios termos. Os termos do tradutor, por outro lado, são limitados pelo contexto em que ele vive e podem até não se constituírem em algo intrinsecamente seu. A tradução, pois, não é produzida em perfeitas condições de laboratório, esterilizado e neutro, e sim no entrelugar de várias tradições, culturas e normas. Toda tradução é portanto uma tradução cultural. (Diniz, 1999, p.36)

A partir desse ponto trazido à tona, é notável como esses processos os quais está se apresentando, aparece em uma dimensão que se projeta extrapolando o linguístico, pois o texto o qual se traduz está entremeado das culturas nos locais de sua produção e a

partir daquele que traduz, não sendo uma mera transposição neutra de sentidos. E mesmo que não se apresente, portanto, como uma tradução perfeita e/ou fidedigna, ainda assim esta exprime as condições locais e socioculturais do lugar e do tradutor, sendo este portanto um papel de mediação entre o texto de partida e o de chegada.

A TI, portanto está com os pés fincados em uma proposta pelo uso real dos suportes, em que as qualidades das suas estruturas estarão ligadas de maneira direta com o os interpretantes, e aqui entenda-se interpretante, não como sendo apenas um intérprete, mas sim funcionando como uma representação mental advinda do signo, um agente mediador, se distinguindo nesse sentido de mero significado e funcionando como interfaces, e assim sendo, o *modus operandi* do tradutor, vai em muito além dessa “interpretação de signos linguísticos por outros não-linguísticos” (Plaza, 2003, p.67). Nos interessa muito mais os processos de transmutação entre os signos do que essa mera passagem do linguístico pro não linguístico.

O autor supracitado, salienta a nossa atenção ainda, para a importância de:

se interligar as operações de trânsito semiótico é se tornar capaz de ler, na raiz da aparente diversidade das linguagens e suportes, os movimentos de passagem dos caracteres icônicos, indiciais e simbólicos, não apenas nos intercódigos, mas também no intracódigo. ou seja, não é o código (pictórico, musical, fílmico, etc.) que define a priori se aquela linguagem é sine qua non icônica indicial ou simbólica, mas os processos de leis de articulação de linguagem que se efetuam no interior de um suporte ou mensagem. (Plaza, 2003, p.67)

Interligar essas relações nos trânsito entre os mais diferentes signos, tem a sua parcela de importância dentro da TI, fluindo para um sentido onde não centralize sua regência no código, mas sim se deve articular em uma linguagem que atue para dar suporte a mensagem.

Dentre todos os processos que envolvem a TI, não podemos deixar de fora do nosso trabalho a relação que é estabelecida entre esse campo de estudo dos signos e alguns dos elementos de criação poética e autoria literária. Porque ainda referente ao tradutor, quando esse está realizando o seu trabalho, intrinsecamente o mesmo deixará suas marcas de autoria no ou nos textos de chegada.

Ainda tendo Julio Plaza (2003), como referente teórico, o mesmo apresenta-nos estas noções que envolvem a criação poética e autoria, dentro da esfera da TI, falando de seu cunho poético que pode ser contextualizado a partir de duas formas: “a primeira face

ao contexto da contemporaneidade da arte, isto é, como política”(Plaza,2003, p. 205), ou seja, face a contemporaneidade e o que se entende por arte dentro dos recortes temporais atuais, os processos de tradução intersemióticas podem atuar dentro de uma esfera política, essa sendo uma dimensão de estreita relação com o autor/tradutor. A segunda, diz respeito a prática artística inserida dentro dessa contemporaneidade, atuando como poética. Também diz respeito à autonomia do tradutor, para exercer a sua criação artística, respeitando seus estilos individuais e estilísticos.

Independente do contexto político ou estético, nesses meandros permeados pela tradução intersemiótica, sempre teremos presente, nessa figura do autor/tradutor. Uma profunda dimensão poética, autoral, criativa, quando se trata dessas recodificações de intersígnicas. Quando tratamos dos espaços multimidiáticos, também é observável a presença dessas dimensões citadas anteriormente, como por exemplo, quando:

[...] as artes artesanais (do único), as artes industriais (do reprodutível) e as artes eletrônicas (do disponível se interpenetram (intermídia), se justapõem (multimídia) e se traduzem (tradução intersemiótica). As artes decorrentes destes processos se combinam, atravessam-se, contradizem-se e retraduzem, organizando a produção da subjetividade e espontaneidade sob a dominância do eletrônico que performatiza TUDO. (Plaza, 2003, p.207)

Sendo assim, dentro desse globo, desse universo das traduções intersemióticas, ainda temos esses jogos, entre com os mais diferentes e profusos espaços de circulação dentro da área artística, social e política, pois a TI também se apresenta como essa prática crítica e criativa, dentro de aspectos de metacriação, como um modo de agir mediante as diversas estruturas e eventos. Consumando-se como recepção produtiva onde resolve-se na síntese entre o pensamento e a ação no bojo da criação.

Para finalizarmos essa conceituação teórica, não só referente a TI e sua relação com a arte, mas referente a discussão da Tradução intersemiótica como um todo, é importante salientarmos que esse tipo de tradução é revela-se a partir de um entendimento e pensamento sobre as diversas formas de arte é um profundo diálogo colaborativo entre o lúcido e o lúdico que se equivalem ao “amalgama entre pensamento lógico e analógico, isto é, fusão entre oriente-ocidente, equilíbrio entre o sensível e o inteligível” (Plaza, 2003, p.209).

Tendo assim estabelecidos os meandros referentes às teorias dos processos de tradução intersemiótica, indo do signo semiótico Peirceano, até noções de tradução

intercultural e o diálogo da TI com os processos de criação poética e artística. Nos debruçaremos, em um diálogo dessa teoria frente a uma prática de tradução intersemiótica. E aqui na presente monografia, será aplicada essa teoria para a construção de imagens a partir de textos de fácil leitura, em outras seções do trabalho, esmiuçaremos os processos percorridos até a obtenção das imagens finais, a partir de textos de fácil leitura.

Dentro desse espectro teórico, em nossa metodologia, seguirá tais padrões para o desenvolvimento do nosso “Texto de chegada” nos preocupando não somente com a transposição das imagens, num sentido recodificador e meramente reprodutor, mas aplicando as teorias será lançado uma tradução ampliando e otimizando o entendimento do “Texto de Partida” em detrimento de uma significação, sem que se perca as marcas autorais do autor/tradutor.

### 2.3 Delineando os traços: O paradigma da Leitura Fácil

Quando falamos a respeito da cisão da história, com a pré-história e a história propriamente dita, a escrita é, portanto, um divisor de águas entre esses dois momentos da humanidade, segundo os historiadores. Aparecendo em um momento posterior a linguagem a invenção da escrita surge após a chamada revolução neolítica e divide-se entre a fase pictórica, ideográfica e alfabética, não seguindo, nesse sentido uma linha cronológica.

Com o surgimento de tal sistema escrito de comunicação, independente do idioma ou da forma que surgiu, é entendido pois que haja formas de decodificação de tal escrito, ou seja, uma leitura de tal sistema escrito e assim, por meio de diversos mecanismos cognitivos e linguísticos conseguimos compreender e ler.

Essa capacidade que o ser humano tem de decifrar os mais variados códigos escritos através da leitura se articula, segundo Muñoz (2012), em três competências básicas. Uma delas, é linguística, que se refere a forma que conhecemos o sistema linguístico e o usamos de maneira adequada e a partir disso acontece a identificação por parte do leitor da estrutura do texto e dos diversos tipos e ordens discursivas; a outra competência, destacada por Muñoz (2012), é a cognitiva, esta torna possível que os sistemas que atuam em prol dos conhecimentos se aliem com a finalidade de entender os conteúdos dos textos e das linguagens. Tal competência pressupõe que o sujeito leitor possua um conhecimento prévio, havendo uma necessidade de uma experiência que

propicie não só o conhecimento mas a recuperação do mesmo que fora memorizado; A última é a competência comunicativa, aqui é onde acontece o diálogo entre o texto e os contextos comunicacionais, levando-se em consideração os diversos contextos culturais de uma dada situação de comunicação, permitindo portanto que o sujeito possa assumir de maneira prévia as gamas de significados que serão apresentados em um determinado texto e ou mensagem.

Quando há algum déficit de um sujeito em qualquer que seja dessas competências, acontecerá alguma complicação na forma que o mesmo compreenderá mensagens dentro da esfera escrita, pois, esses processos de compreensão da leitura “é uma atividade complexa que requer a realização de uma série de operações cognitivas que têm sido adequadamente analisadas recentemente.” (Muñoz, 2012, p. 20).

Estamos tão sujeitos a esses processos de leitura e compreensão de textos, presos nas mecanicidades em que lemos e damos sentidos aos mais plurais enunciados, que mal nos damos conta de que não é todo mundo que goza desses processos de forma plena. Não nos atentamos que, muitas vezes, até mesmo pessoas que foram alfabetizadas, podem apresentar algum tipo de dificuldade, ou problema, isso indo de uma ordem cognitiva, até mesmo alguma condição física ou patológica.

Para as pessoas que possuam alguma dificuldade de compreensão de textos, seja ela em qualquer nível, lhes é apresentada uma forma alternativa para que as mesmas possam desfrutar de forma plena a leitura dos mais variados textos. O paradigma da Leitura fácil é, portanto, essa ferramenta teórico-conceitual que serve como ponte para proporcionar a esses sujeitos que possuem dificuldade nos processos de leitura e compreensão de textos, possam assim se beneficiar dos textos que há muito lhes foram estranhos ou incompreensíveis.

Tal paradigma, é extensamente desenvolvido pela Federação Internacional de Bibliotecas, Associação e Instituições, a IFLA (2010)<sup>1</sup> e ampliado por Óscar García Muñoz em seu texto, intitulado de *Lectura Fácil: métodos de redacción y evaluación* (ou Leitura Fácil: métodos de escrita e avaliação, em tradução livre). Neste trabalho o autor faz uma série de proposições acerca de todos os meandros, linguísticos que permeiam um trabalho utilizado esse método de escrita, até mesmo o que tange a área do design, em prol de técnicas para se utilizar imagens nesses processos de leitura fácil, bem como

---

<sup>1</sup>*International Federation of Library Association and Institutions*. Neste trabalho, utilizaremos a sigla em inglês (IFLA) para se referir a essa Instituição

mostra quem se beneficia de tal método e como trabalhar com ele, além de nos oferecer um vasto panorama, acerca do espectro de todos os tipos de condições que apresentam dificuldades nos processos de leitura.

Essa ferramenta pretende ser uma solução para facilitar o acesso à informação, à cultura e à literatura, pois é um direito fundamental das pessoas, que são iguais em direitos, independentemente de suas capacidades. Não só é um direito, mas permite que o exercício de outros, como a participação, tenha a opção de influenciar decisões que possam ser importantes para suas vidas, bem como a possibilidade de desenvolvimento autônomo de qualquer pessoa em um ambiente como o atual, que produz a maior quantidade de texto da história, tanto no suporte físico quanto no digital. (Muñoz, 2012, p.21)

A proposição de uma ferramenta desse tipo, se torna um meio que visa o estímulo e a aproximação de grupos que, por conta de quaisquer que sejam os percalços em suas vidas, se distanciaram até mesmo de processos educacionais por não terem acesso a materiais que de se adequassem às suas respectivas capacidades ou condições.

Em consonância com o material disponibilizado pela IFLA (2010), existem duas definições distintas que se extrai do termo “fácil de ler”, uma delas seria relacionado a adaptação linguística de um texto, tornando-o mais fácil de ser compreendidos que os textos usuais, entretanto não se comprometendo em tornar mais fácil a compreensão do referido texto; a segunda definição, é, portanto uma adaptação que contribua não só com uma facilidade da leitura, mas também que facilite a compreensão.

O que se tem como objetivo a partir de tal paradigma é que sejam produzidos e adaptados textos que sejam claros e de fácil compreensão, que sejam adequados para as mais diversas idades. Sendo assim, para que se alcance tal objetivo é necessário que “o escritor/editor deve levar em consideração conteúdo, linguagem, ilustrações, bem como layout gráfico” (IFLA, 2010, p.3) e, além disso, a composição conceitual, no caso de ilustrações.

A definição de método paradigmático acaba sendo benéfico para uma gama de grupos que carecem de materiais, cuja escrita facilite a sua leitura e compreensão, uma vez que, como disse Muñoz (2012), suas habilidades cognitivas e intelectuais apresentam limitações para um desenvolvimento completo da alfabetização. O mesmo autor, no seu trabalho apresenta com detalhes os sujeitos que podem se beneficiar de tal método, que são: pessoas que possuem algum tipo de deficiência intelectual, nisso ele apresenta toda uma gama de condições, doenças, perturbações mentais, comportamentais entre outros

transtornos, que impedem que os sujeitos acabem por desenvolver alguma dificuldade na leitura e compreensão; também se beneficiam do referido método, usuários que apresentam dificuldades no desenvolvimento da linguagem devido à surdez; e pessoas com circunstâncias transitórias de dificuldade de compreensão leitora.

Tal método também é direcionado para pessoas que trabalham com pessoas que necessitam, ou são usuários de fácil leitura, incluso entre eles, podemos citar, pessoas que atuam na formação e educação de pessoas com deficiências intelectuais, perturbações mentais e comportamentais e seus cuidadores, também os cuidadores de idosos, pessoas que trabalham na educação de pessoas surdas, bibliotecários, fonoaudiólogos professores de língua materna para estrangeiros, bem como professores de EJA.

É importante também que fique claro que dentro de tal paradigma teórico, não há a existência de um padrão fixo, que vá dar conta de todas as habilidades e competências de pessoas com problemas de leitura, Muñoz (2012) salienta que, tal texto seria impossível. Além disso, vale frisar que, os textos de fácil leitura produzidos, só serão acessíveis para pessoas que possuam algum nível de alfabetização.

### 3 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentaremos os métodos usados para que conseguíssemos alcançar nosso objetivo principal, a saber, criar imagens que auxiliem na leitura de texto adaptado, sob o viés do paradigma da Leitura Fácil. Desta feita, tratamos sobre os métodos de abordagem usados nas mais diversas ciências, sobre os métodos de procedimento e sobre os tipos de pesquisa, apontando em qual tipo se encaixa nosso trabalho. Por fim, nas duas últimas seções, apresentamos o processo de criação das imagens adaptadas.

#### 3.1 Métodos de abordagem

De acordo com Gil (2008), os métodos de abordagem da pesquisa científica visam esclarecer os procedimentos lógicos que devem ser seguidos durante o processo de investigação científica dos fatos da natureza e da sociedade.

Podemos incluir no grupo de métodos de abordagem os métodos: (i) dedutivo – método do qual se parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis podendo levar a conclusões que derivam única e exclusivamente da lógica, (ii) indutivo – método que toma como ponto de partida um fato específico, particular, e, após o trabalho de coleta de dados, permite chegar a generalizações, hipotético-dedutivo – método por meio do qual o cientista observa um fenômeno, cria hipóteses a partir de intuição científica, estuda e analisa um conjunto de postulados que governam o objeto estudado e deduz as consequências através da experimentação, podendo, então, refutar os postulados e substituí-los quando necessário, sendo este método experimental por natureza, (iv) dialético – método através do qual pode se chegar a uma interpretação da realidade baseada nos princípios da unidade dos opostos, de quantidade e qualidade e de negação da negação e (v) fenomenológico – método pelo qual se busca resgatar os significados atribuídos pelos indivíduos ao objeto de estudo sendo, portanto, uma pesquisa de natureza qualitativa e não estruturada.

Tomando com base as definições sobre os métodos de pesquisa, conforme propostos por Gil (2008), e o nosso objetivo, classificamos este trabalho como uma pesquisa indutiva, pois partimos de um fato específico, a saber: as necessidades

específicas que pessoas com deficiências intelectuais possuem, então, propor generalizações para a adaptação de tal material.

### 3.2 Métodos de procedimento

#### Os métodos de procedimento da pesquisa científica

têm por objetivo proporcionar ao investigador os meios técnicos para garantir a objetividade e a precisão nos estudos dos fatos sociais (...) visam fornecer a orientação necessária à realização da pesquisa social, sobretudo no referente à obtenção, processamento e validação dos dados pertinentes à problemática que está sendo investigada. (Gil, 2008, p.15)

Dentre os métodos de procedimento mais adotados nas ciências sociais, Gil (2008) destaca os métodos: (i) experimental – método no qual o(s) objeto(s) de estudos é/são submetido(s) à influência de certas variáveis, em condições controladas e conhecidas pelo investigador a fim de observar os resultados produzidos pelas variáveis no objeto, (ii) observacional – método no qual o investigador apenas observa algo que acontece ou já aconteceu, (iii) comparativo – método no qual o pesquisador procede pela investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e similaridades entre eles, estatístico – método fundamentado na aplicação da teoria da probabilidade fazendo com que o investigador possa se valer da explicação dos dados obtidos por meio deste método não como verdades absolutas, mas como dotadas de boa probabilidade de serem verdadeiras, (v) clínico – método que é sustentado pela profunda relação entre o pesquisador e o pesquisado e (vi) monográfico – método no qual se parte do princípio de que o estudo de um caso pode ser a representação de outro semelhante ou de muitos outros casos do mesmo tipo.

Como esta pesquisa será desenvolvida, em sua maior parte, por meio do método indutivo que, por natureza, é um método que prevê o uso de referencial bibliográfico, podemos afirmar que nossa investigação dar-se-á por meio do método monográfico, especificamente como uma pesquisa bibliográfica.

### 3.3 Tipo de pesquisa

Segundo Gil (2008), pode-se definir pesquisa como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da

pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos.

Tomando como pressuposto básico a definição de ciência conforme proposto por Gil (2008), o autor destaca que há duas formas de fazer pesquisa: (i) a pesquisa pura – tipo de pesquisa na qual se busca desenvolver os conhecimentos científicos sem a aplicação prática dos resultados obtidos como resultado da pesquisa e (ii) a pesquisa aplicada – tipo de pesquisa em que há menos preocupação para o desenvolvimento de teorias e valoriza a aplicação imediata no campo pesquisado. A partir de então, o autor afirma que os pesquisadores podem desenvolver três tipos distintos de pesquisas: as pesquisas exploratórias, as pesquisas descritivas e as pesquisas explicativas.

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. (...) As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relação entre as variáveis. (...) As pesquisas explicativas têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. (Gil, 2008, pp. 27-28)

Levando em consideração as classificações conforme propostas por Gil (2008), definimos que a pesquisa desenvolvida neste trabalho é uma pesquisa aplicada e de caráter aplicado, pois buscamos, no paradigma da Leitura Fácil, encontrar indicações de como fazer imagens adaptadas para leitura de textos por pessoas com deficiência intelectual.

### 3.4 Técnicas de disposição de imagens pelo paradigma da leitura fácil

O paradigma da leitura fácil, apresentado nos manuais da IFLA e no trabalho de Muñoz (2012) propõem uma série de instruções de como se trabalhar com textos de leitura fácil, como esse tipo de texto se comporta nos apresentando todos os seus elementos linguísticos, textuais e ortográficos que compõem os textos desse tipo, bem como o que deve ter e não conter no mesmo.

Os referidos manuais e textos nos propõem também a utilização de imagens e/ou fotografias para se trabalhar em conjunto com a parte escrita. E para se utilizar esse material de apoio aos textos, os mesmos devem apresentar estruturas composicionais de leiautes e designs que também sejam de fácil leitura. Uma das justificativas por trás do uso de imagens assim é que ilustrações acabam por desempenhar um papel de suma importância, mais até, na maioria das vezes, que outros tipos de publicações, então uma imagem que retrate concretamente o que está descrito no texto melhora bastante a compreensão e potencializa a mensagem a ser transmitida. (IFLA, 2010, p.16)

Com base nesses trabalhos descrições e proposições da IFLA e de Muñoz (2012) que essa seção do trabalho se debruçará, num sentido de apresentar uma ampla definição dos processos, mais precisamente no tocante a construção do leiaute das ilustrações de fácil leitura.

As imagens e/ ou ilustrações produzidas dentro do referido paradigma devem ser produzidas, portanto, para servir de apoio ao texto de fácil leitura. Tais produções imagéticas devem ser feitas de uma forma em que se estabeleça um link direto e claro com o texto, para tal se faz necessário que se busque palavras chaves a partir de cada texto para que se possa produzir imagens a partir dessas palavras. As ilustrações vão então ajudar complementar o texto com Ações, processos, listagem de coisas, lugares, pessoas, bem como maneiras de agir específicas (Muñoz, 2012).

Tal qual a escrita as imagens têm que também serem fácil de ler e de entender, ou seja, é imprescindível que sejam “fáceis de entender e reconhecer, precisas e relevantes em seu significado, simples, com poucos detalhes, familiares e que captem a atenção. A imagem deve ser útil, não bonita.” (Muñoz, 2012, p.73). Há uma recomendação que não se use imagens cômicas ou infantis, uma vez que estas podem ser confusas, entretanto se usado esse tipo de desenhos com uma sequencialidade, podem ser bem compreendidos porque se passa uma ideia de consequência.

Deve-se manter a coerência com os desenhos, não sendo interessante que um mesmo desenho seja usado para se referir a ideias diferentes, tal ambiguidade pode gerar um conflito no entendimento da ilustração, por isso que uma mesma imagem deve ser atrelada a uma mesma ideia.

Para referir-se a conceitos, ideias, estatísticas e entre outras abstrações se faz necessário o uso de símbolos que sejam reconhecíveis, podem ser usados também alguns desenhos mais imaginativos, já que as pesquisas sobre leitura fácil, em geral apontam que tais tipologias imagéticas e desenhos mais abstratos ou conceituais, tendem

a funcionar bem com esse tipo de publicação, desde que, é claro, a ilustração estabeleça um elo coerente com o texto, pois se isso não acontece, acaba por gerar uma confusão. Dentro dessa ideia de representação simbólica, os que apresentem conceitos ou representem ideias ou comportamentos negativos, devem ser evitados.

Um ponto a se ter atenção quando se produz imagens dentro do paradigma estudado é a cor, quando usada para transmitir conceitos, deve-se haver um cuidado e adicionar elementos que reforcem tal conceitos, e se estes se atrelarem a algum sentimento o tato com o uso da cor deve ser mais cuidadoso, visto que, segundo Heller (2013), em sua pesquisa sobre as cores, (em que nos mostra os mais variados efeitos que as cores podem produzir nos indivíduos) salienta que as cores apesar de terem essa relação com os sentimentos e emoções, elas também podem produzir efeitos frequentemente contraditórios, pois varia-se a depender da ocasião, um exemplo dado, pela referida autora é que:

O mesmo vermelho pode ter efeito erótico ou brutal, nobre ou vulgar. O mesmo verde pode atuar de modo salutar ou venenoso, ou ainda calmante. O amarelo pode ter um efeito caloroso ou irritante. (Heller, 2013, p.16)

Então, diante dessas ambiguidades das cores, se faz necessário um cuidado quando se usada para expressar sentimentos ou conceitos, sendo necessário uma composição, ou um contexto, que apoie a ideia que se quer passar com a referida cor, porque, “em suas infinitas nuances, uma nunca é igual à outra”(Almeida, 2020, p. 43), não há nenhuma sem significado e “a impressão causada por cada cor é determinada por seu contexto” (Heller, 2013, p.17).

No caso de pessoas daltônicas, o uso de cor deve ser tratado com um cuidado diferenciado, já que os espectros de cores visíveis de pessoas com essa condição é limitado. Portanto a esse caso, se faz necessário o uso de contrastes bem estabelecidos, cores vibrantes e fáceis de serem percebidas e assim a ideia expressa com a referida cor seja percebida plenamente.

A leitura fácil como um estudo inclusivo, não pode deixar de fora os espectros que representem as diversidades das populações, ou seja, no momento em que se constrói as imagens (e os textos não estão fora disso), deve-se levar em consideração essa variação étnica da população e esses grupos estando representados dentro dos construtos de fácil leitura. E ao representar os lugares que demonstrem essas diversidades, se faz

necessário evitar mapas que demonstrem a localidade, ao invés disso usar desenhos que facilitem o reconhecimento dos mesmos.

Na montagem das páginas com os textos de fácil leitura há uma série de recomendações para os leiautes e diagramação, para potencializar o entendimento da leitura, com páginas limpas e claras que não seja confuso e complicado de se entender o sentido da leitura. É preferível que as imagens fiquem à esquerda enquanto o texto fique à direita, pois texto intercalado de imagem, ele misturado, sobreposto com os desenhos ou ainda um plano de fundo da ilustração sendo texto, poderá gerar confusão e prejudicará o entendimento. As imagens precisam ter títulos e em caso de sequencialidades nas imagens inserir setas, palavras em caixa alta e coloridas, que conduzam o olhar para o texto e as imagens. Pode haver balões para representar diálogos e dentro deles pode haver símbolos que representem sinais de aprovação ou desaprovação, ou seja, elementos linguístico-semióticos que complementem o texto e a imagem.

Para a tipografia e entre outros elementos gráficos há outras especificações, como a diferenciação no uso de fontes, o tamanho delas e a formatação do texto em si, pois estas devem seguir um direcionamento na montagem para que o texto ao se aliar do desenho não esteja desalinhado nem confuso.

Os outros elementos que compõe a parte de impressão dos trabalhos em fácil leitura, também têm suas especificações próprias, que devem ser levadas em consideração na impressão de tais materiais, entretanto este não é o foco desse trabalho, aqui a nossa preocupação será na produção de ilustrações dentro do paradigma da fácil leitura, mais especificamente na produção de desenhos de apoio para um texto já feito dentro do mesmo paradigma. A próxima seção se preocupará, portanto na descrição dos processos utilizados e na aplicação das teorias (de tradução intersemiótica e da leitura fácil, nas descrições de como se produzir imagens de fácil leitura, trabalhadas nessa seção), para produzir ilustrações a partir do texto adaptado para fácil leitura de Walcyr Carrasco, “Irmão negro”.

### 3.5 Colorindo os espaços: a produção das imagens de apoio pra o livro adaptado “O Irmão negro” de Walcyr carrasco, aplicando as indicações do paradigma da Leitura fácil.

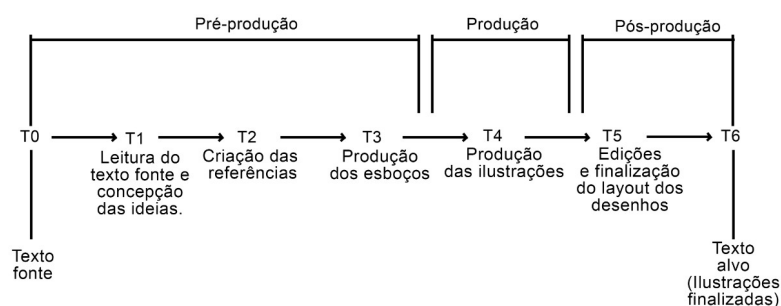
Adaptar um texto para uma configuração diferente da sua original envolve processos de compreensão, decomposição e recomposição do mesmo. Esses processos

(que seriam uma espécie de alquimia textual), apresentado nas seções anteriores, que vão desde os pressupostos teóricos da tradução intersemiótica até as propostas de adaptações de textos pelo paradigma da leitura fácil foram o alicerce para construção do que virá a ser descrito nessa parte do trabalho.

Aqui será apresentado, descrito e esmiuçado os processos que se deram para a construção das ilustrações de apoio para um texto de fácil leitura<sup>2</sup>. O material fonte dos desenhos foi uma adaptação em leitura fácil do livro O irmão negro, de Walcyr Carrasco, em que o mesmo se divide em quatro capítulos e para cada um deles, foram feitas algumas ilustrações de apoio, sendo três ilustrações para o primeiro capítulo, duas para o segundo, uma para o terceiro e outras duas para o quarto.

Para que possamos prosseguir com as descrições do processo de construção das imagens será apresentado um diagrama que representa um caminho conceitual que se seguiu o trabalho de tradução intersemiótica, tal diagrama foi apresentado inicialmente por Bassnett (2003) e ampliado num trabalho de Miranda & Inokuchi (2009), onde ao tratar dos processos de adaptação e adaptação cinematográfica, respectivamente as autoras descrevem os momentos que os textos caminham, desde do texto fonte até o texto final. Com base em tais diagramas, foi produzido o esquema a seguir:

**Figura 1** – Esquema dos processos da tradução intersemiótica



**Fonte:** Próprio autor, com base nas propostas de Bassnett (2003) e Miranda e Inokuchi (2009)

<sup>2</sup>Todas as ilustrações aqui produzidas foram feitas pelo próprio autor da monografia, que também trabalha como ilustrador.

Esse foi o caminho que se seguiu a produção dos desenhos de apoio para o texto em leitura fácil – tal configuração pode ser entendida como as fases da tradução intersemiótica – e a culminação desses estágios foi a produção de 8 (oito) ilustrações (todas possuindo as proporções originais no tamanho de: 2400 x 2400 pixels e sua resolução sendo 300 pixels/polegada), que representam o seu texto fonte, ou, como mostrado no diagrama: **[T0]**. Iniciando com a leitura do material já em leitura fácil **[T1]** os processos de adaptação têm sua gênese, foi nessa fase onde ocorreram as primeiras proposições conceituais, onde a ideia das ilustrações começaram a surgir, se pensando em como se articulariam com o texto em uma forma de ser clara a transmissão da ideia, tendo como principal referência as proposições de Muñoz (2012).

Sendo assim, para que se otimizassem essas ideias e para que pudéssemos selecionar as melhores imagens, em **[T2]** selecionamos algumas palavras chaves, a partir de **[T0]** e criamos algumas imagens de referência utilizando uma Inteligência Artificial de produção de imagens, a IA (Inteligência Artificial) utilizada foi a do site: <https://www.imagine.art>.<sup>3</sup> Lá foram transformadas as palavras chaves em descrições das cenas que queríamos ilustrar e para que os resultados obtidos fossem mais precisos as frases de comando elaboradas foram em inglês. Entretanto os primeiros comandos utilizados para a produção das referências que foram usadas, se perderam por terem sido usados em um momento anterior à escrita deste trabalho, todavia, para exemplificar como conseguimos as imagens utilizando a Inteligência artificial e usando outros comandos, mostraremos o caminho que seguimos para produzir as imagens de referências.

Inicialmente para construir a primeira ilustração (Que chamaremos de **[I1]**= Ilustração 1, depois **[I2]**, **[I3]** e assim por diante), tomamos como base o seguinte trecho do primeiro capítulo do texto já adaptado pelo paradigma da leitura fácil:

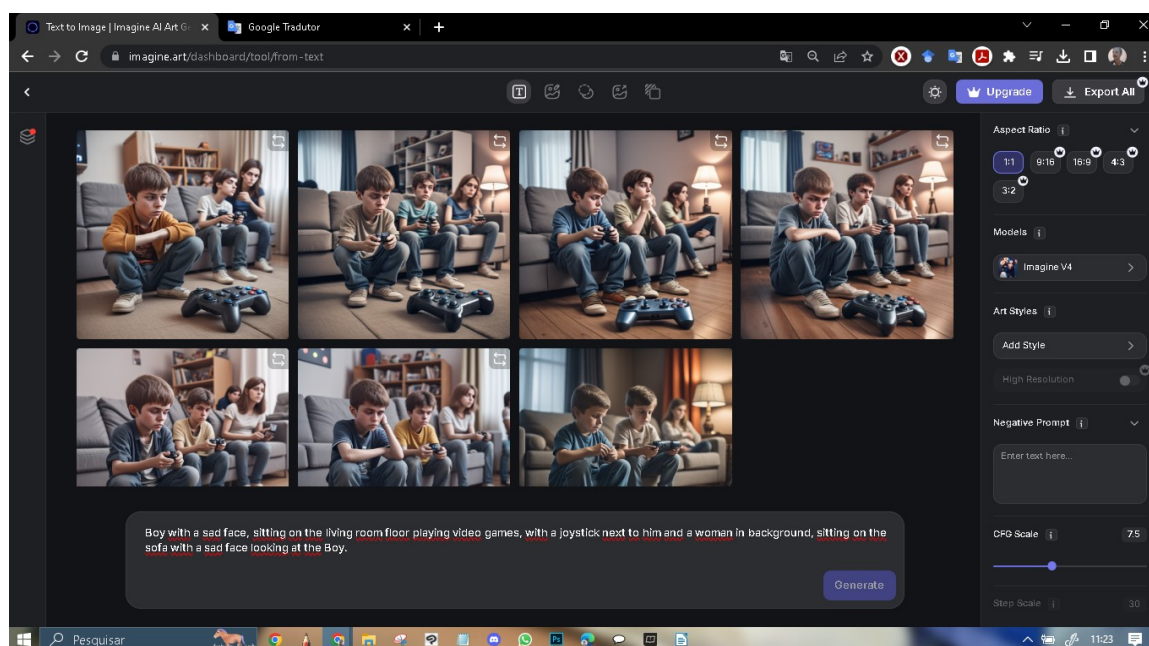
“Léo é filho único. Léo deseja ter um irmão. A mãe de Léo não pode ter outros filhos. Léo gosta muito de jogar vídeo-game. Léo se diverte com seus amigos. Léo sonha em ter um irmão.”

---

<sup>3</sup>Cabe frisar aqui referente ao uso de Inteligência Artificial para a produção de imagens. O uso dela, nesse trabalho, se deu meramente para ser usada como referência, visto o curto prazo para realização do mesmo, e não é recomendado, tampouco se encoraja que se use esse tipo de ferramenta, num sentido que vise lucros e substitua o Trabalho do ser humano, mas sim num sentido que ajude-o em seu(s) trabalho(s). Por isso não se pediu comandos para que emulasse estilos artísticos e nem que se utilizasse banco de dados com ilustrações não autorizadas de terceiros, mas sim uma base de dados onde se formam imagens a partir de fotografias da internet em bancos de dados de uso livre.

A partir da leitura e compreensão de tal trecho, tendo em mente a imagem que queríamos e os princípios da tradução intersemiótica de interligar as operações de trânsito semiótico (Plaza, 2003, p.67), ou seja, o que se fez aqui neste trabalho, foi a criação de ilustrações com um sentido de unir de maneira eficaz a relação entre o [T0] e o [T6]. Após isso, para termos as referências às claras, construímos o seguinte comando para a IA: *Boy with a sad face, sitting on the living room floor playing video games, with a joystick next to him and a woman in background, sitting on the sofa with a sad face looking at the Boy.* (em português: Menino com cara triste, sentado no chão da sala jogando videogame, com um joystick ao lado e uma mulher ao fundo, sentada no sofá com cara triste olhando para o Menino). O resultado obtido através desse comando foi:

**Figura 2** – Página de criação de imagens com IA



**Fonte:** imagine art (2023)

Essa série de imagens produzidas através do comando, chegaram a se aproximar da imagem que conseguimos anteriormente. Esse é o caminho seguido para se criar as referências, mas a imagem que serviu de base visual, para a construção da primeira ilustração, que conseguimos anteriormente, foi:

**Figura 3** – Imagem selecionada para servir de referência



**Fonte:** imagine art (2023)

Seguindo com a construção da primeira ilustração e utilizando o programa Autodesk Sketchbook para construir as ilustrações, o esboço [T3] feito a partir de tais referências foi o seguinte:

**Figura 4** – Esboço da primeira ilustração



**Fonte:** Próprio Autor

O desenho se construiu dessa forma para seguir a indicação de uma simplicidade, que nele se reconheça as características principais do texto fonte, sendo inseridos elementos simples no cenário e expressões faciais que denotam o tom do [T0], o de uma criança triste que não tem alguém para jogar vídeo-game com ele, priorizando assim a utilidade da imagem antes da preocupação estética.

No mesmo programa, partindo para a parte da produção e refinamento do desenho [T4], os traços da arte-final foram feitos. As linhas desenhadas nesse processo da arte-final foi feito pensando num maior destaque do desenho, enfatizando as formas do corpo, priorizando linhas nítidas, sem texturas, evidenciando assim os elementos constituintes da imagem, na sua composição gestual e de perspectivas, portanto, finalizado essa parte, a ilustração ficou assim:

**Figura 5 – Desenho com a arte-final pronta**



**Fonte:** Próprio Autor

Com uma arte final assim, limpa, com os elementos fixos e sem ambiguidade visual que prejudique o entendimento do texto, a imagem ficou pronta para receber as devidas cores.

Ainda em [T4] o processo de coloração também foi feito, utilizando as devidas recomendações pelo uso de cores nítidas e com alto-contraste e fácil visualização. As cores, diferentemente das linhas do desenho, foram feitas no aplicativo de edição de imagens, o Adobe Photoshop, abaixo segue o resultado da aplicação das cores:

**Figura 6** – Ilustração com as devidas cores



**Fonte:** Próprio Autor

As cores utilizadas nesta parte foram pensadas num sentido de produzir um efeito visual que destacasse os elementos do primeiro plano, ou seja, o garoto, pois o mesmo, nesse momento é o foco da narrativa, por isso seu desenho tem mais nitidez, enquanto a mulher ao fundo, por não ser o foco, nesse momento, é aplicado na mesma um efeito de desfoque, proposital, para dar essa impressão visual.

Com o processo de coloração finalizado, fomos para a parte de pós-produção **[T5]** onde foram refinadas as cores adicionados efeitos gráficos e iluminação ao cenário e o **[T6]**, então, ficou da seguinte forma:

**Figura 7 – I1 finalizada**

**Fonte:** Próprio Autor

Nesse momento, para dar aspectos mais dinâmicos e verossímeis ao desenho, uma iluminação foi dada ao ambiente, para reforçar a compreensão dos contrastes nos desenhos, além disso foi aplicado uma camada sobre o desenho para passar uma sensação de papel ao desenho e efeitos gráficos diversos, conferindo um sentido esteticamente mais agradável a finalização da imagem, além de inserir-se a assinatura do ilustrador.

Esse processo de construção de referências e produção das imagens se repetiram ao longo de todas as ilustrações, em alguns, entretanto não sendo utilizado a Inteligência

artificial para construir a referência, ao invés disso, buscou-se imagens na internet para se ter uma ideia de como produzir uma das ilustrações.

Agora se seguirá, assim, como o primeiro desenho, o procedimento metodológico que se seguiu às outras ilustrações e como a concepção da maioria foram iguais a essa primeira, as descrições serão mais resumidas e o que será enfatizado serão as ilustrações que tiveram processos diferentes dos outros.

Na produção da [I2] o processo de confecção da referência seguiu-se semelhante ao anterior, mudando apenas a descrição e a quantidade de imagens de, a redução das imagens de referências se deu para que se facilitasse a concepção das ideias dos esboços. Esta segunda ilustração se apoia em outro trecho do [T0], que foi o:

“Léo tem um primo. O nome do primo do Léo é Sérgio. A mãe do Sérgio morreu. Sérgio tem necessidades especiais. Sérgio mora sozinho. Sérgio precisa morar com outra pessoa.”

Como dito anteriormente, as primeiras fases de comando foram perdidas e para essa ilustração a referência que conseguimos, com a Inteligência artificial usada, para a construção do desenho final foi:

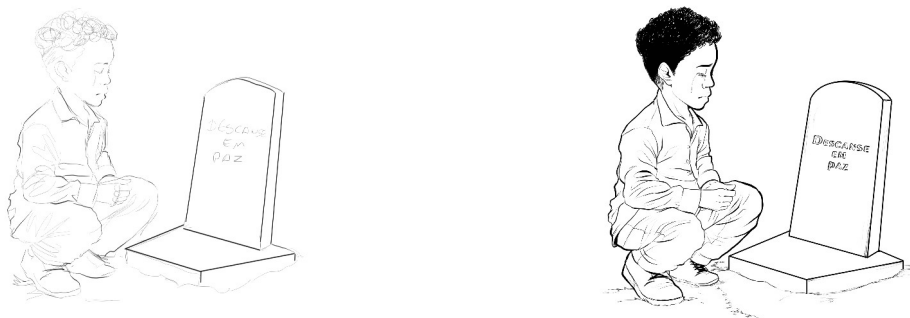
**Figura 8** – Referência da segunda ilustração



Fonte: imagine art (2023)

Cruzando as ideias da imagem de referências obtidas, a seguir será mostrado como ficou o resultado do esboço e das linhas finais do desenho.

**Figura 9** – Esboço e arte-final da segunda ilustração



Fonte: Próprio Autor

As imagens acima reforçam a ideia trazida do [T0] de um garoto que perdeu um ente querido e por isso está triste e precisa agora de um lar. Nas cores adicionadas ao rapaz, foi priorizado tons de cores escuras que trazem a ideia do luto que ele passa além de enfatizar a tristeza que está sentindo; para que não gere ambiguidade no entendimento da mesma os elementos do túmulo e da lágrima no rosto do menino estão presentes para reforçar a ideia trazida pelas cores, pois a cor sendo usada para transmitir um conceito (bom, ruim, proibido...), é conveniente adicionar imagens de reforço, para facilitar a compreensão aos daltônicos também (Muñoz, 2012). Abaixo na Figura 10 está o resultado da coloração do desenho:

**Figura 10** – Ilustração 2 colorida sem finalização



Fonte: Próprio Autor

Após a coloração acima, tal qual na [I1] foram aplicados efeitos gráficos e estéticos, além de pequenos ajustes nas cores e o [T6], então ficou assim:

Figura 11 – I2 finalizada com todos os detalhes



Fonte: Próprio Autor

Após esta acima, a seguinte ilustração, a [13] encerra o primeiro capítulo, por assim dizer, com a última parte do mesmo que traz o seguinte trecho:

“A mãe do Léo foi buscar o Sérgio. O Sérgio começou a morar na casa do Léo. Léo considera Sérgio como um irmão.”

Em seguida será mostrado a sequência da construção da próxima ilustração, construída com base no texto supracitado, indo desde a imagem de referência que se conseguiu, com a IA, e logo após os processos do esboço até a arte finalização do desenho.

**Figura 12 – Referência da terceira ilustração**



Fonte: imagine art (2023)

**Figura 13 – Esboço e arte-final da terceira ilustração**



Fonte: Próprio Autor

Com essas imagens prontas, partimos mais uma vez para as cores e, bem como com as ilustrações anteriores, as cores foram pensadas num sentido de proporcionar uma fácil leitura, com blocos de cores simples e com um forte contraste com as cores do segundo plano para que as cores presentes nos personagens não se misturassem com as cores do fundo. Em seguida já mostraremos o [T6], pois a parte que tange o [T5] já foi bastante explorada nas descrições dos desenhos anteriores.

**Figura 14 – I3 finalizado**

**Fonte:** Próprio Autor

A próxima ilustração [14], seguiu um caminho diferente das demais, não foi utilizado nenhuma IA para a construção de referências pois as imagens que estávamos gerando na Inteligência artificial não estavam sendo satisfatórias tampouco coerentes com os comandos que usamos, então, ao invés disso buscou-se algumas imagens em bancos de imagens para se usar como base. O trecho para essa próxima ilustração é do segundo capítulo e ele traz a seguinte cena:

“Sérgio tem a pele negra. Os amigos do Léo não gostam do Sérgio. Sérgio sofre discriminação. Sérgio não conta nada para Léo. Léo nota o medo de Sérgio. Sérgio sofreu muito na infância”

Com isso em mente se procurou no site [istockphoto.com](https://www.istockphoto.com) que é um banco de imagens, onde se pode achar diversas imagens que podem ser usadas de referências ou para serem usadas em trabalhos (caso se pague), como a proposta deste trabalho é construir imagens mais autorais, lá buscamos apenas imagens para nos basearmos na construção de nossas ilustrações. Buscamos, portanto, no site, imagens que retratassem

cenas de adolescentes praticando bullying com outro, pois a cena trabalhada retrata isso, e as imagens escolhidas foram:

**Figura 15** – Primeira referência da I4



**Fonte:** Sabelskaya, (2019)

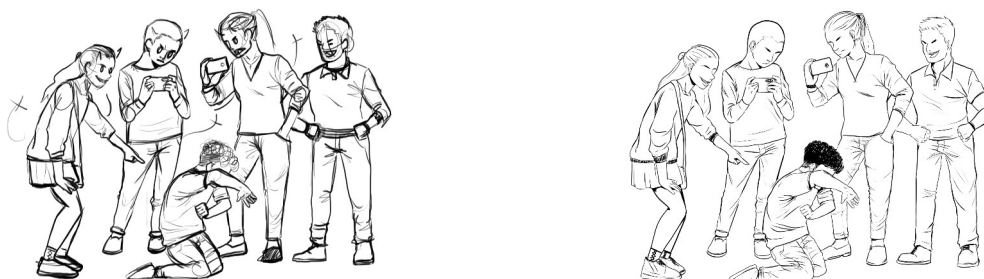
**Figura 16** – Segunda referência da I4



**Fonte:** sabelskaya, (2019)

Com as estruturas acima em mente que se construiu a [I4]. Não apresentando o mesmo estilo composicional, a concepção dessa ilustração teve um tato mais conceitual, principalmente por se tratar de um tópico sensível. O esboço e a arte final que foi produzido segue a baixo:

**Figura 17** – Esboço e arte final da ilustração 4



**Fonte:** Próprio Autor

Foi escolhido essas formas no desenho, de caracterizar os agressores sem rosto, para aumentar a carga dramática da cena e para amarrar toda essa conceituação, para que não ficasse difícil de se compreender o desenho que o processo de coloração se mostrou importante. Observe a próxima ilustração:

**Figura 18 – I4 finalizada**

**Fonte:** Próprio Autor

As cores e a falta de cores aqui, têm um sentido de: (i) a cor como a representação do garoto que sofre a agressão, enfatizando um aspecto triste, mostrado com a cor azul e se apoiando no gestual do garoto que sofre a violência, que se esconde e aqueles que estão praticando o Bullying e (ii) a discriminação que não têm cor, reforçando a ideia de que a prática dos mesmos não é algo positivo, por isso é sem cor, escuro e apagado.

Dando continuidade nas ilustrações e ainda se referindo ao segundo capítulo do [T0], descreveremos os processos de tal, também de forma mais sucinta, pois essa, assim como as três primeiras, não houve muita diferença nos processos de criação das referências, esboços e arte final. O trecho usado do material fonte, para o desenho da [I5], foi:

“Léo e Sérgio foram para uma festa. Na festa, Léo apresenta Nice e Clarice para Sérgio. Nice gosta do Sérgio. Clarice não gosta do Sérgio. Clarice não gosta de pessoas com a pele negra.”

Abaixo segue a imagem de referência obtida e após ela o resultado do esboço e arte final produzidos a partir dela. Esta imagem, ainda será utilizada como referência em uma outra ilustração, mas especificamente a última ilustração do trabalho.

**Figura 19 – Referência da I5**



Fonte: imagine art (2023)

**Figura 20 – Esboço e arte-final da Ilustração 5**



Fonte: Próprio Autor

Após esse processo de desenho e refinamento do mesmo, tal qual as outras ilustrações, vamos à coloração do desenho. Assim como anteriormente, neste o uso de cores simples age em função de facilitar a leitura das imagens. Nesse ainda, por se tratar de um retrato de cena que existe um certo conflito foram usadas cores contrastantes ao fundo, com um degradê que apresenta uma dualidade, isso tudo reforçado pelo gestual de uma das personagens, um sinal com a mão que denota uma vontade de não entrar em contato com o outro.

**Figura 21 – I5 finalizado**

**Fonte:** Próprio autor

A construção do próximo desenho abarca todo o terceiro capítulo do [T0], pois o mesmo descreve uma única cena, que narra o seguinte:

“Outro dia, Léo e Sérgio foram para a piscina. Lá, estava a Clarice e a mãe de Clarice. A Clarice e a mãe da Clarice não gostam do Sérgio. A Clarice e a mãe da Clarice falam da cor da pele do Sérgio. A Clarice e a mãe de Clarice não deixam o Sérgio brincar na piscina. Léo e Sérgio ficam tristes.”

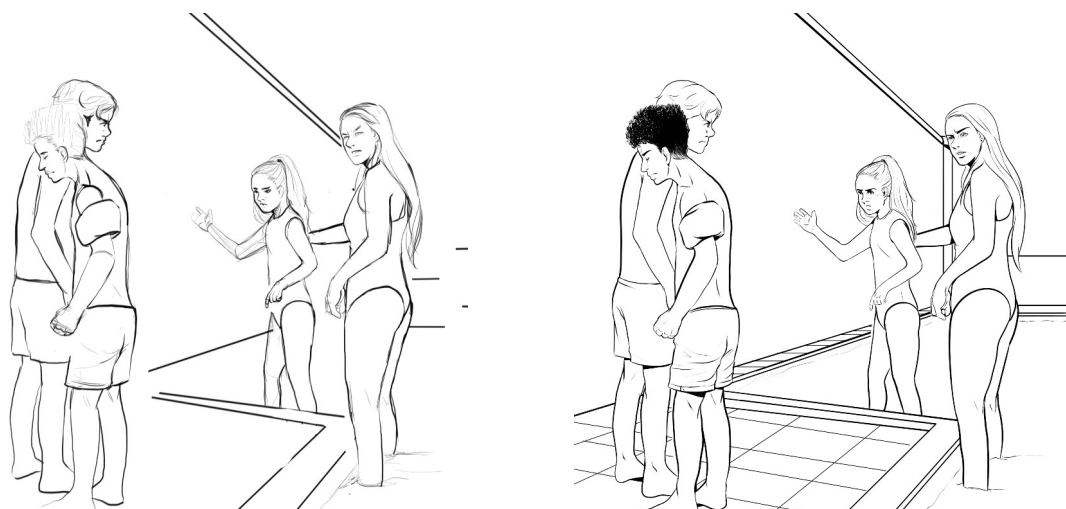
Com base nessa narrativa, então, seguem abaixo, a imagem de referência, o esboço produzido e a arte final do desenho:

**Figura 22 – Referência da Ilustração 6**



Fonte: imagine art (2023)

**Figura 23 – Esboço e arte-final da I6**



Fonte: Próprio Autor

Finalizada essa parte, tal qual em todas as demais ilustrações, seguiu-se para a parte da coloração, além das cores, de base e efeitos aplicados, na água a fim de conferir um aspecto mais verossímil ao desenho numa piscina, foi aplicado um efeito de reflexos de água. Em seguida, abaixo está a [I6] finalizada.

Figura 24 – I6 finalizada



Fonte: Próprio autor

Dando continuidade, tal qual anteriormente, mostraremos diretamente, após o trecho de base, a referência, o esboço e a arte final do próximo desenho. A parte do [T0] usado para a construção da imagem, foi: “Um dia, Clarice vê uma foto da avó da Clarice. A avó da Clarice tem a pele negra. A avó da Clarice era bonita. Clarice se parece com a avó da Clarice.”

**Figura 25 – Referência para a I7**



Fonte: imagine art (2023)

**Figura 26 – Esboço e arte-final da ilustração 7**



Fonte: Próprio autor

Arte final concluída, partimos para as cores, aqui uma atenção foi dada uma atenção elas, usando o verde, ao fundo, para reforçar o sentimento de vergonha da personagem com a sua atitude contra o outro rapaz e o vermelho na camisa da garota para gerar um contraste visual, tornando fácil de visualizar as cores na imagem e

apresentar um ponto de conflito que a personagem tem. Finalizado as cores e os devidos acabamentos, o desenho ficou assim:

**Figura 27 – 17 finalizada**



**Fonte:** Próprio autor

A última ilustração [18] utilizou-se de uma referência, também diferente para ser construída, reciclando o esboço da [15] e construiu-se a partir da última parte do texto fonte, o qual narra:

“Clarice pede desculpas a Sérgio. Clarice passa a gostar de Sérgio. Clarice diz: - A cor da pele de Sérgio não importa. Clarice considera Sérgio um irmão. Clarice diz: - O mundo é melhor se todo mundo viver como irmão.”

Com base no texto e imaginando que tipo de imagem poderíamos produzir que expressasse a cena acima, pensou-se no que foi produzido na [15], mais especificamente o fragmento a seguir:

**Figura 28 – Referência para a I8**



**Fonte:** Próprio autor

Essa foi a ideia: produzir esta ilustração, de uma cena onde os dois personagens se cumprimentam assim, para expressar um pedido de desculpas e início de amizade. O esboço, arte final e, logo em seguida o desenho pronto, feitos a partir da referência acima, foram:

**Figura 29 – Esboço e arte-final da Ilustração 8**



**Fonte:** Próprio autor

**Figura 30 – I8 finalizada**

**Fonte:** Próprio autor

A coloração desse desenho, se propôs a ser mais clara, para passar uma expressão mais tranquila e acalmada, pois representa um momento onde os personagens estão se entendendo, em reforço a isso não foram pintados sombras com intensidades, apenas efeitos gráficos que dão uma leve ideia de um sombreamento, a escolha da cor da camisa de ambos ser branca também traz essa conotação pacífica, por ela ser um símbolo ligado à ideia de paz.

Tendo em vista o texto que utilizamos de base essas oito ilustrações, trazem consigo a ideia por trás do texto e a mensagem que ele passa, não o substituindo, mas

servindo de apoio para que seja melhor compreendido por pessoas que possuam algum tipo de déficit na capacidade leitora.

Os processos utilizados nesse trabalho e descritos nessa seção, não são os únicos que podem ser feitos, mas os mesmos oferecem um caminho possível e que podem ser replicados por aqueles que desejam trabalhar com esse tipo de texto e/ou construção de ilustrações pelo paradigma trabalhado nesta tese.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acesso ao conhecimento, às leituras e as mais diversas modalidades textuais, não deve se limitar a ninguém, independente de suas condições cognitivas, patológicas ou socioeconômicas, por isso e para isso a produção de materiais de fácil leitura apresenta uma potência no sentido de contribuir para que os sujeitos que são excluídos de processos de leitura possam ser inseridos nessas dinâmicas de leituras e compreensão textual de forma plena, tais propostas textuais viabilizam e universalizam o acesso aos mais plurais construtos textuais.

Portanto, neste trabalho, buscou-se, através de uma revisão bibliográfica da Tradução intersemiótica e os manuais sobre a aplicação do paradigma da leitura fácil, a produção de Ilustrações que serviram para fornecer apoio a um texto em fácil leitura, (que foi adaptado, outrora, em grupos de estudo sobre o referido tema). Os desenhos foram produzidos tendo em vista a potencializar as mensagens do material fonte. Diante disso, o que obtivemos foram oito ilustrações diferentes que, adaptam o texto, são fácil de ler, ampliam as dimensões espaciais do material de base fornecem um material semiótico capaz de produzir as mais diversas compreensões to texto que adaptamos, no caso, “O irmão negro” de Walcyr carrasco.

Como em qualquer trabalho, dessa natureza, foram encontradas alguns percalços, principalmente referente a produção das ilustrações, dificuldades de natureza artísticas e estruturais ao aplicar as indicações dos manuais da IFLA, e do texto de Muñoz (2012), as quais puderam ser contornadas mediante a um maior debruçamento sobre as leituras e nos desenhos, estudando-se e aplicando diferentes técnicas de desenho e coloração e o resultado como se pôde ver, na seção anterior foram ilustrações claras e objetivas, respeitando as indicações e úteis para dar apoio ao texto fonte.

O que obtivemos, diante desse trabalho foram imagens potencializadoras da mensagem por trás do texto de origem e os processos utilizados aqui foi um dentre os possíveis que podem ser utilizados para se produzir imagens pelo paradigma da leitura fácil, pois tal proposta viabiliza um leque de possibilidades, para se trabalhar com imagens de apoio a textos em fácil leitura.

Nesse sentido, o presente estudo contribui com um passo importante para a acessibilidade de pessoas que têm alguma limitação na capacidade leitora e cognitiva, para serem incluídas nos processos de leitura e de aprendizado nos mais variados textos, além de ampliar as discussões acerca do paradigma da leitura fácil, tendo em vista a

importância desse acesso ao conhecimento universalizado aos indivíduos, independente de qualquer necessidade específica que possam ter.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Luara Teixeira de. **A linguagem cromática nos livros ilustrados: a cor como potência poética do narrar**. 2020. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.
- AMORIM, Marcel Alvaro de. Da tradução intersemiótica à teoria da adaptação intercultural: estado da arte e perspectivas futuras. **ITINERÁRIOS – Revista de Literatura**, Araraquara: Faculdade de ciências e Letras – UNESP, n. 36, p.15-33, jan./jun. 2013.
- BASSNETT, Susan. **Estudos de tradução: fundamentos de uma disciplina**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- DINIZ, Thaís Flores Nogueira. **Literatura e cinema: da semiótica à tradução cultural**. Ouro Preto: Editora UFOP, 1999.
- GIL, Antônio Carlos. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo: Altas, 2008.
- HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- IMAGINE. Imagine.art. 2023. Disponível em: <https://www.imagine.art/>. Acesso em: 06 Ago. 2023.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 19. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2003.
- MELO, Desirée Paschoal de; MELO, Venise Paschoal de. **Uma Introdução a semiótica Peirceana**. Paraná: Unicentro, 2015.
- MIRANDA, Célia Arns de; INOKUCHI, Suzana Tamae. Um olhar oriental sobre shakespeare: Trono Manchado de Sangue de Akira Kurosawa. **Scripta Uniandrade**, Curitiba. Brunilda T. Reichmann: Anna Stegh Camati, v. 7, p. 151-180, 2009.
- MUÑOZ, Óscar García. **Lectura fácil: métodos de redacción y evaluación**. Madrid: Real patronato sobre discapacidad, 2012.
- NEGRO DRAMA. Mano Brown. in: Nada como um dia após o outro dia, Vol. 1 & 2. Pedro Paulo Soares Pereira; Andre valverde. São paulo: Cosa Nostra Fonográfica Ltda-me, 2002. Mídia Digital.
- NOMURA, Misako; *et al.* **Guidelines for easy-to-read materials**. Haia: IFLA, 2010. 38 p. Disponível em: <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/hq/publications/professional-report/120.pdf>. Acesso em: 02 Out. 2023.
- PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 3. ed. São paulo: Perspectiva, 2005.

SABELSAKAYA. Um grupo de crianças ou adolescentes estão intimidando um menino e filmando isso em vídeo em um smartphone. Disponível em: <https://www.istockphoto.com/br/vetor/um-grupo-de-crian%C3%A7as-ou-adolescentes-est%C3%A3o-intimidando-um-menino-e-filmando-isso-em-gm1160400574-317620265>.

Acesso em: 02 Ago. 2023. Página de Internet.

SABELSAKAYA. Um grupo de crianças ou adolescentes scoff, mostra os dedos e intimidar uma menina triste. Disponível em: <https://www.istockphoto.com/br/vetor/um-grupo-de-crian%C3%A7as-ou-adolescentes-scoff-mostrar-os-dedos-e-intimidar-uma-menina-gm1160400550-317620259>. Acesso em: 05 Ago. 2023. Página de Internet.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.